



ANTÓNIO TAVEIRA

Um percurso continuado

As raízes do Associativismo ultrapassam-nos no tempo, a elas estão sem dúvida ligadas ideias progressistas preocupadas com o ser humano e seus direitos, de um modo universal a associação entre as pessoas aparece como um acto voluntário perante uma necessidade constante de contribuir na resolução de problemas evidentes e penalizadores que afectam a vida social e profissional do indivíduo.

Sabemos que durante várias décadas as Praças da Armada demonstraram de diversas formas o seu descontentamento pela maneira como eram tratadas, muitos foram também os camaradas que sofreram por de algum modo se manifestarem pela discordância de assuntos e decisões relacionadas com a sua categoria, também a eles lhe devemos uma homenagem sincera.

Em Portugal o Associativismo Militar tem pouco mais de uma década, pretendo referir-me aqui, especificamente ao Associativismo Sócio-profissional, representado pelas Associações de Classe (embora as Associações de cariz cultural e desportivo tenham florescido a partir de Abril de 74), que durante vários anos se debateram pelo reconhecimento legal da sua existência, resistindo sempre e por vezes em circunstâncias muito adversas, a actos maquiavélicos infligidos a muitos camaradas, na tentativa de os demover do seu objectivo.

Pois bem, além de alguma formação e esclarecimento neste domínio da sociedade, estes e outros exemplos de luta, por ideais diferentes, no fundo por uma questão de direito, por uma questão de fazer ouvir a voz que ninguém representava, influenciou um grupo de camaradas que durante os primeiros meses de 99 se concentraram na ideia chave, da criação de uma Associação Sócio-profissional.

Foi durante este período de 99, que se conseguiram reunir as condições mínimas para o arranque da presente APA. Ao longo de várias noites, este grupo de homens, efectuou reuniões, trocou impressões, delineou os caminhos a percorrer, ponderou os factores de risco, iniciou contactos nas unidades, chegando por fim à conclusão de que seria Maio o mês de eleição, em que a classe se deveria pronunciar sobre a criação ou não de uma Associação de Classe.

Cinco de Maio foi (hoje podemos afirmá-lo) o grande dia. Desde logo porque pôs à prova a capacidade de ultrapassar o primeiro obstáculo que se nos deparou. A disponibilidade do salão onde se iria realizar uma grande reunião, confirmado dias antes, fechou-se-nos à última hora, quiçá por influências duvidosas, ou talvez por mera coincidência, o certo, é que o problema ficou sanado após alguns minutos, (mercê da boa vontade de quem consegue ver mais longe e comunga das mesmas aspirações que muitos de nós), possibilitando assim a realização da reunião, que contou com a presença de mais de 300 Militares. Depois de várias intervenções, ideias, opiniões e sobretudo franca camaradagem, votou-se por unanimidade a criação da Associação, demonstrado através de um interesse voraz e por sinais de grande energia e convicção.

Para além desta decisão outros objectivos foram apresentados, tais como: Criação de uma Comissão Instaladora, registo Estatutário da Associação, a criação de um ficheiro de sócios e respectivas inscrições e ainda a procura de uma futura sede social.

Estava dado por assim dizer o primeiro passo decisivo, que contribuiu também, para além do atrás exposto, há efectiva união da classe.

Registada em 2000 como é do conhecimento geral e oficialmente reconhecida em 2001, mercê de insistentes lutas e de demonstrações de indignação onde as lutas associativas tiveram um papel determinante, e onde a nossa Associação respondeu presente e activamente ao lado de outras Associações, nesta e noutras situações onde os objectivos se apresentaram de comum interesse.

Era tempo de eleger os órgãos sociais, a necessidade de delinear projectos, apresentar propostas, organizar a vida interna, impunha-se como uma prioridade. A

dificuldade agora, apresentava-se-nos noutra campo, também ele de alguma complexidade, a inserção de elementos disponíveis, capazes e com uma visão alargada do que é o Associativismo, era imprescindível. É precisamente neste domínio do pensamento humano, o mundo das ideias e dos ideais, que provoca na altura alguma controvérsia, criando de facto uma certa instabilidade no seio da APA. Se por um lado, a existência de camaradas com uma visão progressista e com objectivos comuns bem definidos era uma realidade, por outro, aqui e ali foram aparecendo pessoas, cujos objectivos, nem sempre clarificados, se nos apresentavam com rumos totalmente opostos, deixando no ar alguma perigosidade para o processo em curso, riscos que a maioria não queria de todo correr.

Se muitos dos que neste preciso instante lêem a revista e pensam que foi fácil iniciar e desenvolver este processo, desenganem-se. Também ninguém aqui esperava facilidades, pelo contrário, a experiência de outros camaradas mostrava a quem andava mais atento, a dificuldade nestas andanças. Posso hoje afirmar, que foram várias as tentativas para gorar o nosso objectivo, algumas visíveis outras mais camufladas. Não foram no entanto fortes o suficiente para nos demover do objectivo a que nos tínhamos proposto, perante a classe e nós próprios. Os que melhor argumentaram, os isentos de objectivos pessoais, os de convicções bem alicerçadas contribuíram para que a Associação vencesse e se tornar no que é hoje.

Temos hoje todos, plena consciência que nem tudo foi bem executado, a experiência não era suficiente para visualizar obstáculos de alguma dificuldade e nem sempre visíveis. Na altura penso que todos cometemos erros, a alegria era tão grande que por vezes o raciocínio não era o mais conveniente em situações mais adversas. O grande objectivo ultrapassava tudo.

Estas passagens menos positivas são propositadamente referidas aqui, porque foi com elas que tiramos ilações e desenvolvemos neste curto espaço de tempo uma APA de que nos podemos orgulhar.

Hoje como ontem, a dificuldade em manter esta estrutura mantém-se, todos os dias a Direcção da APA está a ser julgada, ao mesmo tempo que a estrutura Associativa aumenta, aumentam as suas actividades, a sua necessidade de resposta, os seus compromissos, o que se reflecte naturalmente na maior disponibilidade forçada dos seus membros, numa presença mais activa e num sacrifício para as próprias famílias. Sei por experiência própria das dificuldades que uma actividade destas acarreta, mas também sinto que este grupo que actualmente gere os destinos e actividades da APA, está, com força, convicção e acima de tudo, mercê de uma eficaz liderança, unido o suficiente para representar orgulhosamente a nossa APA.

Após estes anos a APA está sem dúvida mais forte, com mais experiência, composta nos seus órgãos sociais por elementos de grande valia técnica e profissional e apraz-me observar com grande satisfação que os objectivos a que esta instituição se propôs no seu nascimento, continuam vivos e que os valores por que se rege continuam inalterados, a par da perseguição dos objectivos abrangentes a toda a classe.

Agora que estão reunidas algumas das condições essenciais para um bom funcionamento da APA, bom seria que o sentimento Associativo se expandisse ainda mais e albergasse todos os homens e mulheres que no momento alimentam a categoria de Praça da Armada. Façam um intervalo, deixem de falar um pouco no futebol, acompanhem outro camarada e visitem a sede social, vejam-na no seu interior, na hora de actividade, rebusquem um pouco do seu historial, familiarizem-se com os seus directores, levem ideias e avancem possíveis resoluções para os problemas e sintam que associando-se darão inevitavelmente outra dimensão e força a esta Associação que é vossa. ✖



RAUL FALEIRO

Futuro da Marinha

Camaradas, escrevo estas palavras a pensar no futuro da Marinha. É a pensar nesse futuro e também no futuro dos homens e mulheres que servem nas fileiras das Forças Armadas e em particular da Armada, que torno pública a minha opinião acerca da luta associativa e das carreiras. É certo que a minha opinião vale o que vale, mas mesmo assim e sabendo que muita gente é de opinião contrária, aqui a apresento:

É ponto assente que hoje em dia não há qualquer hipótese de tornar ao antigo, não mais veremos militares integrarem os cursos de promoção com base exclusivamente na antiguidade no posto.

É também certo, e aceitável que para a promoção à classe de sargentos, seja exigida escolaridade em conformidade com as funções que irão exercer, mas penso no entanto que seria mais aceitável a exigência do 11º ano de escolaridade e não o 12º, tendo em conta que esta última é exigida aos candidatos a oficial não me parece certo fazer o mesmo tipo de exigência para uma classe inferior.

Penso ainda que em termos de propostas apresentadas pela associação, nunca houve uma que tivesse sido elaborada com tanta seriedade, responsabilidade e desinteresse pessoal como esta que agora se propõe.

Tenho por certo que a grande maioria das praças que actualmente integram

os quadros da Armada, não iriam usufruir dos benefícios que esta proposta traria para a carreira das praças, caso fosse implementada, não obstante considero a proposta viável e de muito interesse para a formação e edificação de uma carreira de praça com a dignidade que ela merece.

Por tudo isto é importante cativar mais e mais associados. Tanto pela representatividade que confere, como pela força que lhe dá.

É de extrema importância ter cada vez mais pessoal jovem, incluindo do regime de contrato ligado à Associação e à luta associativa, porque são eles, hoje no RC, amanhã nos quadros permanentes, que beneficiarão no futuro, das conquistas associativas de hoje.

E é por isto que temos todos de lutar, não esquecendo as nossas obrigações e tudo fazendo para conquistar os nossos direitos, isso mesmo, conquistar o que deveria ser nosso por direito próprio. Frase estranha esta, em pleno século XXI. Ter uma classe que tanto fez para dignificar a Marinha e Portugal, ser obrigada a lutar pelos seus direitos. Por isso penso e afirmo que, sempre dentro do respeito pelas Leis e a Constituição e pelas normas e regulamentos impostos pelas Forças Armadas, devemos lutar pelo que é nosso.

Subordinação sim, subserviência NUNCA. Viva a Marinha, Vivam as praças da Armada. ✘

Militar esteve em greve de fome

É de lamentar que para se conseguir aquilo a que qualquer pessoa tem direito, no caso, um acidente em pleno serviço, se tenha que chegar aos extremos a que o nosso camarada Joaquim Azevedo 1º Sargento pára-queda chegou: “*greve de fome*”.

Isto deve-se ao facto de alguém com pouca ética profissional resolver passar o nosso camarada à reforma, esquecendo-se de que o processo de acidente em serviço entretanto reaberto, ainda não estava encerrado.

Claro está, que pelos erros de uns, quem sofre na pele tudo isto é mesmo quem precisa, pois este nosso camarada vê o seu orçamento reduzido em pelo menos 200 € mensais, e isto já lá vão alguns anos.

Realmente quem não desespera depois de tantos anos a aguardar que um problema tão simples possa ser resolvido, *(se houvesse entendimento e bom senso entre as pessoas que superintendem a Instituição CGA (Caixa Geral de Aposentações) e os médicos da JSFA (Junta de Saúde da Força Aérea))*.

De facto conclui-se que para o Estado Português nós militares somos apenas números e não cidadãos e membros de família, onde também os nossos filhos, pais e irmãos sofrem. Será que algum dos responsáveis por este processo já pensou que os familiares deste nosso camarada possam estar a passar por privações de 1ª necessidade?

A nós militares é-nos exigida fidelidade à Pátria, mas não se podem esquecer que estes Homens também são seres humanos, e por isso têm direito a viver com dignidade, ou será que só têm deveres?

Pergunto aos responsáveis quantos mais dias de greve de fome serão necessários para que este nosso camarada veja o seu problema resolvido?

A Alcaxa deixa um voto de solidariedade, de força e incentivo ao nosso camarada Joaquim Azevedo e transmitir-lhe que pode contar sempre com a APA na luta que vem travando. ✘

APA

